

## **Espetáculo musical em dois atos, uma chegada e uma festa de São João**

Teatro musical popular brasileiro para a infância e a juventude

2º lugar – Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2008

*Entre o céu e a terra, Folia da terra e Nas terras do sem fim do mundo* compõem a *Trilogia da terra*, espetáculos musicais sobre as relações do ser humano com a terra, com música ao vivo, elementos do imaginário popular, personagens, mitos, assombrações, lendas, encantarias, pajelanças, quebrantos, cordões, cortejos, louvores, ladainhas, folias, brinquedos, cantigas e danças de roda das matrizes ameríndias, afro-brasileiras e portuguesas. *Folia da terra* foi publicado pela Editora Autores Associados, Campinas/SP, em 2009.

### **Sinopse - Argumento**

Muito antigamente, os homens viviam no sem fim do céu. Um dia, ao perseguir um tatu que entra num buraco, o caçador cava tanto o buraco do tatu que fura o céu. Aparece um tatu gigante e um vento forte o faz cair pelo buraco do céu na terra. O caçador, Antônio, Jonas e Elias olham curiosos a terra pelo buraco. Encantados pelo rio mar e as matas, Jonas e Elias querem descer, Antônio tem vertigem, prefere ficar no céu. Todos preparam uma corda, o caçador desce primeiro sozinho, mas a corda não alcança o chão da terra. O público e o elenco aumentam a corda com fitas, fios e lenços. O caçador, Jonas, Elias, uns homens e mulheres descem e quando pisam na terra surge o Mapinguari, macacão peludo, menos no umbigo, pés tortos, com um homem embaixo do braço, do qual come a cabeça. O monstro amazônico puxa forte a corda, uns caem na terra, outros ficam no céu. O caçador, Elias e Jonas ferem o bichão, que foge pela mata. Após o susto com o Mapinguari, os do céu veem que é dia de carnaval na terra, pois um cordão de índios e o Clóvis cantam sambas e marchas-rancho. No desfecho, os do céu e da terra festejam o São João com danças, doces, fogueiras, fogos e balões.

### **Dados sobre gênero, assunto, personagens, encenação, músicas, público**

Espetáculo musical em dois atos, uma chegada e uma festa de São João é um espetáculo de teatro musical popular brasileiro para a infância e a juventude com personagens, lendas, assombrações e seres imaginários da geografia mitológica brasileira, heróis cavaleiros, amazonas, reis, guerreiros, anjos, um caçador, um tatu gigante, o mestre, a dama do Paço, calunga e figuras do maracatu, o monstro amazônico Mapinguari, o Clóvis, bate bola, um cordão de índios, bloco de sujos, bonecões, personagens com pernas-de-pau e “parangolés” e jogo de participação do público. Música ao vivo (letras, músicas, temas e composições do autor), com ciranda, cururu, moda de viola, tambor-de-crioula, samba-de-roda, ijexá, roncós, gemidos e urros de fera com cuíca e tambor-onça, marcha-rancho, samba-de-breque, baião e xote com sanfona, zabumba e triângulo e uma festa de São João.

**Gênero:** Teatro musical.

**Faixa Etária:** classificação livre; teatro para todas as idades; para ser encenado por crianças e jovens; infantil e infanto-juvenil.

**Nº de Personagens:** 25, mais os coros de Cavaleiros e Foliões.

## PERSONAGENS

**CAVALEIRO 1:** narrador.

**CAVALEIRO 2:** narrador.

**CAVALEIRO 3:** narrador; ator-músico, toca viola e sanfona e canta.

**CAVALEIROS:** heróis cavaleiros, Amazonas, reis, guerreiros, com um estandarte branco, azul, verde e amarelo, paramentados com capas, chapéus, espadas, lanças, escudos, elmos, máscaras, etc., com adereços e cavalos de pau feitos com cabos de vassoura, caixas de sapato, ripas, tampas de painéis, panos, fitas, papéis papelão e materiais simples; cavalos de pau e adereços improvisados, como nas brincadeiras de crianças.

### CAÇADOR

**TATU GIGANTE:** personagem/boneco, construído e movimentado como boneco de rua, “bonecão”, um pouco menor, com dois metros e meio de altura, mais ágil; o ator usa na cabeça um balde acolchoado ou cesto de vime, base onde é feita a cabeça do boneco; o ator fica encoberto pela roupa do boneco e vê por uma fresta no balde/cesto.

**FORMIGA:** ator com “parangolé” pintado e arranjo de cabeça de formiga; as indicações sobre os “parangolés” estão depois do quadro de personagens; arranjo de cabeça é o adereço, a alegoria de carnaval que o ator/folião usa na cabeça, caracterizado como personagem.

**TATU-BOLA:** ator com “parangolé” pintado e arranjo de cabeça de tatu-bola.

**ANTÔNIO:** lavrador.

**ELIAS:** lavrador.

**JONAS:** lavrador.

### MAIRUM

#### MULHER 1

#### MULHER 2

**MESTRE:** figura do maracatu, “tirador de loas”, puxador dos cantos, comanda a cantoria.

**EMBAIXADOR:** figura do maracatu, carrega o estandarte.

**DAMA DO :** figura do maracatu, traz o “calunga”, uma pequena boneca.

**FOLIÕES 1\*:** figuras do maracatu, cortejo luxuoso e vibrante, no ritmo frenético dos tambores, de reis, rainhas, princesas, embaixadores, damas, “dançadoras” e indígenas, “caboclos de lança”, com guizos nos tornozelos e cocares emplumados; uma pequena orquestra de percussão com tambores, caixas, chocalhos e agogôs acompanha o cortejo.

**MAPINGUARI:** macacão peludo agigantado, monstro amazônico, dois metros e quarenta de altura, coberto de pelos, menos no umbigo, grito medonho, com garras afiadas e pés tortos, segura um homem/boneco, do qual morde a cabeça, come os olhos, a língua, o nariz e os miolos; quando morde a cabeça saem sangue, miolos, massa encefálica, etc., feitas com líquidos e materiais especiais, para causar repulsa; o tambor-onça e a cuíca fazem os rugidos do bicho; ator com perna de pau caracterizado como o macacão cabeludo agigantado; assombração, ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

**FOLIÕES 2\*:** figuras do “cordão de índios” dos carnavais de rua no Brasil, fantasiados de índios tupinambás, caetés, tamoios, tupiniquins, potiguares, tabajaras, carijós, etc., com pássaros e cobras artificiais; o porta-estandarte é destaque do cordão; pode ser “bloco de

## ENTRE O CÉU E A TERRA

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

sujos”, com diabos, pierrôs, colombinas, arlequins, odaliscas, tirolesas, reis, rainhas, valetes e damas do baralho, piratas, etc.; predomínio do vermelho e branco nas fantasias.

**CLÓVIS:** “bate-bola”, figura mascarada do carnaval de rua carioca, com uma bola/bexiga pendurada no bastão de madeira, comanda o “cordão de índios” e/ou “bloco de sujos”.

**ANJOS (4):** figuras, vultos luminosos que fazem as mudanças de cenário.

**MÚSICOS (3)\*:** violão, viola e outras cordas, flauta e sopros, percussão e canto; música ao vivo; vestidos com roupas azuis escuras, com detalhes vermelhos e amarelos, os músicos ficam num tablado/praticável lateral, acima ou abaixo do plano do palco, onde tocam, cantam e fazem as intervenções sonoras no tecer da trama, conforme o encadeamento das ações; todos os sons dos “eventos naturais” são feitos pelos músicos; sonoplastia ao vivo; música acústica, com eletrificações breves e pontuais de guitarra em algumas cenas; no quadro de músicas e nas rubricas ao longo do texto são indicados os ritmos, modos e instrumentos usados em cada música, tema e intervenção sonora. Todas as letras, músicas, temas e composições da peça são do autor.

\* **Aos músicos:** os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” musicais, acentos e intervenções sonoras cômicas e/ou dramáticas dos instrumentos para marcar uma fala, um gesto, uma ação ou uma situação da peça; música instrumental narrativa. As indicações “vocal e instrumental” no quadro de músicas e nas rubricas são para as músicas cantadas (vocais) e tocadas (instrumentais), as músicas e temas apenas instrumentais e para as canções somente cantadas, sem instrumentos, em solo e/ou em coro, de acordo com a cena. As indicações de “bis”, colocadas entre parênteses no final dos versos, significam que o verso todo deve ser cantado novamente, bisado, em coro e/ou em solo, conforme a música.

\* **Figurinos** – Os “parangolés” são capas, batatas, bandeiras, estandartes e/ou tendas feitas com vários materiais (tecidos, borrachas, tintas, papéis, palhas, etc.); são “esculturas móveis”, “objetos de vestir”, com camadas de panos coloridos postos em movimento e ação a partir da dança e do jogo de interação do ator com o objeto que veste; os “parangolés” dos personagens FORMIGA e TATU-BOLA podem ser pintados e/ou feitos com apliques e colagens de retalhos e outros materiais; proposta de figurino/ vestuário/ objeto interativo e vivo inspirada nos “parangolés” do artista plástico brasileiro Hélio Oiticica (1937-1980), “objetos de vestir” que apresentam fusões de cores, materiais, estruturas, palavras, danças, fotografias, grafismos e músicas, de modo que o espectador/ ator passe da contemplação para a criação, a participação e a transformação dos objetos, pois só assim a obra se realiza em sua plenitude.

“Rubricas” são os textos que complementam os diálogos de uma obra teatral, com as indicações de ações, gestos, intenções, emoções, movimentações, iluminação, cenários, figurinos, músicas, entradas e saídas dos personagens, etc., colocadas em itálico e entre parênteses ao longo do texto.

### MÚSICAS \*

**TEATRO DO BURACO DO CÉU:** ciranda, vocal e instrumental.

**LÁ NO CÉU:** cururu, moda de viola, vocal e instrumental.

**CAÇADOR:** tambor-de-crioula, vocal e instrumental.

**ENTRE O CÉU E A TERRA:** maracatu, vocal e instrumental.

**PÉ NO CHÃO:** xote, tema instrumental.

**FIO TERRA:** samba-de-roda, vocal e instrumental.

**PARTIDA:** moda de viola, vocal e instrumental.

**MAPINGUARI:** ijexá, tema instrumental, atabaques, cuíca e tambor-onça, rugidos da fera.

**AMOR DE CARNAVAL:** marcha-rancho, vocal e instrumental.

**DANÇA DA TERRA:** samba-de-breque, vocal e instrumental.

**AMOR DE SÃO JOÃO:** baião, com variações para xote, música de quadrilha, festa junina, com sanfona, zabumba e triângulo, formação tradicional de forró e/ou festa junina, vocal e instrumental; outra proposta do autor: a música pode ser também um cateretê, xiba-cateretê (chiba-cateretê, dança dos tamancos, como é chamada no litoral fluminense e paulista), vocal e instrumental, com viola, cavaquinho, pandeiros e pratos, palmas e sapateados, alguns usam tamancos.

\* *Letras, músicas, temas e composições do autor.*

## PRÓLOGO

### Chegança

*Antes do espetáculo, os espectadores recebem na entrada do teatro fitas, lenços, tiras de panos, barbantes e cordas coloridas. As cadeiras na plateia também têm fios, barbantes, lenços e fitas, que serão usados pelo público e os atores no segundo ato.*

*Chegança. Três apitos longos. Começa a ciranda TEATRO DO BURACO DO CÉU, tocada pelos três MÚSICOS, viola, flauta e zabumba, na coxia. O palco é o céu, com estrelas e constelações desenhadas com materiais luminosos e reluzentes em panos azuis claros e escuros, colocados nas laterais e no fundo do palco. As luzes abrem um pouco e destacam as estrelas. Entram os músicos e um grupo compacto de heróis cavaleiros, amazonas, reis, guerreiros, com capas, chapéus, espadas, lanças, escudos, elmos, máscaras, etc., montados em cavalos de pau, com movimentos na pulsação da ciranda. Os cavalos e adereços são de cabos de vassoura, panos, caixas, papelões e materiais simples. Nas roupas predomina o branco, com detalhes coloridos, franjas e brilhos dourados e prateados. Alguns trazem bandeiras, um cavaleiro traz o estandarte de cetim branco e vermelho, com brilhos, franjas e espelhos, onde está escrito em letras azuis brilhantes: “Teatro do Buraco do Céu – Patacoadas, Música, Estripulias, Dança, Rebuliço e Muito Improvisado – O Mundo Gira e o Teatro do Buraco do Céu Roda Dança”. As luzes abrem totalmente, os cavaleiros cantam, dançam e evoluem pelo palco com seus cavalos de pau em movimentos coletivos, com rodopios, giros, galopes, trotes, volteios, mesuras e saudações.*

O Teatro do Buraco do Céu  
Abre a roda, bate palma e gira,  
Conta histórias do mundaréu,  
Bate o pé, dá umbigada e toca a lira! (bis)  
Hoje tem coco, xote, maxixe e baião,  
Tem cururu, martelo, jongo, tem catira!  
Entra na roda e canta samba-canção,  
Tem viola e batuque pro Curupira! (bis)

O Teatro do Buraco do Céu é só folia,  
Todo mundo ganha pouco  
E está sempre no sufoco,  
Mas no palco é só alegria! (bis)

Salve a chegada dos cavaleiros!  
Evoé, sátiros de Dionísio!  
Salve as crianças, os aventureiros!  
Entre o céu e a terra é o paraíso! (bis)

*Os Cavaleiros 1 e 2 conduzem o prólogo com apitos e uma lança cada um, usadas como um “bastão de Molière”, bastão usado no tempo de Molière para anunciar o início da peça, o começo da “função”, com três batidas no chão, referentes aos atuais três sinais/campainhas. Suas falas são quase cantos, ou “cantos quase falas”, na pulsação da ciranda, agora instrumental. Todos dançam de frente para o público.*

CAVALEIRO 1: Respeitável público! Os cavaleiros brincantes do Teatro do Buraco do Céu trazem ao palco seu estandarte e suas espadas, escudos e lanças! Levantem as espadas e bandeiras! Abram todas as luzes e cores na ribalta que chegou o teatro sem medo e com esperança! O Teatro do Buraco do Céu!

Todos *(dançam e falam em três tempos da ciranda)* – Teatro do Buraco do Céu! *(fazem um gesto)* Entre o céu e a terra! *(outro gesto)* Teatro do mundaréu!

*A ciranda cessa e todos param num gesto de frente para o público, com os cavalos, espadas, escudos e bandeiras, numa imagem, uma composição cênica da chegada dos cavaleiros. O cavaleiro 1 apita, a ciranda volta, instrumental, e pontua a narração. Os cavaleiros evoluem pelo palco. Os três músicos vão para o tablado lateral. O estandarte é colocado atrás do tablado dos músicos, visível, no espaço dos instrumentos da peça.*

CAVALEIRO 2: Somos heróis cavaleiros! Chegamos de muito longe para alegrar seus corações! *(ao público)* Ei, menino, o coração bate forte por essa menina aí? O tique taque do seu coração bate tão alto que escuto daqui. *(cantarola no ritmo da ciranda)* Tique taque, tique taque. Ziriguidum! É tanta emoção, menino, é um zunzunzum! No coração dela cabe mais um? *(vozes e sons de insetos na coxia; a ciranda cessa; todos erguem as espadas ao mesmo tempo; silêncio; mais vozes e sons estranhos na coxia)*

CAVALEIRO 1: Calem vilões, espíritos e fantasmas das coxias! Calem cupins, ratos, baratas, escorpiões, percevejos, besouros e aranhas do palco, dos camarins e da plateia! Calem, espectros e mortais da plateia, que o céu e a terra se juntarão nesse palco numa saga de sorte e de morte. *(as vozes e sons cessam; todos baixam as espadas; retoma, a alguém na plateia)* E a senhora? Não pense no jantar e esqueça as notas dos seus filhos na escola. O marido anda nervoso e a filharada joga dinheiro fora? Esqueça tudo agora.

CAVALEIRO 2: *(aponta)* E o senhor aí? O senhor mesmo, de bigode. Está com indigestão? Deixe de reclamar da comida sem sal da sogra e falar mal da esposa em pensamentos!

CAVALEIRO 1: Adorável público! *(volta a ciranda, instrumental)* Após maravilhosas apresentações e retumbantes sucessos de público e crítica nas paradisíacas paisagens de Gaza, Bagdá e do Afeganistão.

CAVALEIRO 2: Sucessos estrondosos e casas lotadas em Itaboraí, Itaquaquetuba, Itanhaém, Pirituba, Vila Kennedy, em Piraporinha, no Pari, em Itaguaí, Pirajuí e Xerém.

CAVALEIRO 1: M'Boi-Mirim, Nhandeara, Itacorubi, Belém...

CAVALEIRO 2: Ponta Grossa, Ubá, Mariana, Viçosa, Pina, Paulista e Itamaracá.

CAVALEIRO 1: Piripiri, Macajabá, Encruzilhada, Jequié, Pilão Arcado e Catité.

CAVALEIRO 2: Guarapari, Campeche, Macapá, Uberaba, Brumado e Macaé.

CAVALEIRO 1: Dores de Indaiá, Jaú, Ibirá, Caxambu, Guaxupé...

CAVALEIRO 2: Corumbá, Tremembé, Grajaú, Caetité, Jaçanã, Acaraú, Tupã...

CAVALEIRO 1: Porangatu, Codó, Ponta Porã, Caicó, Paracatu, Piatã e Caculé.

CAVALEIRO 2: O maravilhoso... *(acento musical)*

CAVALEIRO 1: Fenômeno de público! O teatro gaiato, fabuloso, peralta...

CAVALEIRO 2: O prodígio da ribalta... *(com o cavaleiro 1) O Teatro do Buraco do Céu orgulhosamente apresenta... (acento musical; falam juntos e param num gesto)*

TODOS: Entre o céu e a terra! *(a música cessa)*

CAVALEIRO 1: *(alto)* Uma patacoada teatral em dois atos e uma chegada! *(acento musical)*

*O Cavaleiro 3 toca viola e canta o cururu LÁ NO CÉU, moda de viola. Os atores montam um varal no fundo, estendem um grande lençol azul claro, colocam panos azuis e brancos nas laterais e espalham caixotes pelo palco. No fundo, atrás do lençol, há um buraco de tatu, um grande pano marrom, enrolado em círculo, como um montinho de terra no chão, ainda não visível ao público, usado no primeiro ato. O cavaleiro 3 canta e todos bisam o verso cantado.*

Oi lá no céu tem cravo!  
Oi lá no céu tem rosa!  
Oi lá no céu tem canto!  
Oi lá no céu tem prosa! *(bis)*

Lá vai a lua sorrindo,  
Lá vai a lua formosa,  
Com três estrelas do lado.  
A do meio diz a todo mundo  
Que a lua é minha namorada. *(bis)*  
Vem lua, lua, vem lua encantada,  
Vem lua, lua, vem lua platinada,  
Farei com o seu coração  
Uma canção, brincos e anéis de prata. *(bis)*

Lá vai a Onça Preta subindo pro céu  
E a lua cobre a noite com o seu véu.  
Céu sem fim, noite calma.  
Valei-me Estrela Dalva! *(bis)*

*Os cavaleiros 1, 2 e 3 falam ao público na vibração da música.*

CAVALEIRO 3: Muito antigamente, os homens viviam no céu, no sem fim além das estrelas. Lá havia todo tipo de comida que os homens desejavam.

CAVALEIRO 1: Milho, cupuaçu, banana, açaí, jabuticaba, inhame, caqui, goiaba, melão, coco, mandioca, feijão, tapioca, mamão.

CAVALEIRO 2: Caça de todo tipo. No sem fim do céu havia comida para todo mundo.

CAVALEIRO 3: Imaginem qualquer fruta, semente, folha, raiz, flor, lá havia. Pois pensem o que quiser, lá havia.

CAVALEIRO 1: Contam que foi uma vez...

CAVALEIRO 2: No sem fim do azul do céu...

CAVALEIRO 3: Um caçador... Um tatu... *(a música cresce; os cavaleiros dançam e todos falam entre eles e para o público, um de cada vez; depois juntos)*

TODOS: *(em tempos diferentes)* Era uma vez... Diz que foi uma vez... Um dia... Lá no céu... O caçador... O tatu...

*Os cavaleiros 1 e 2 cessam a música com três apitos longos e três batidas com as lanças no chão, apitos e batidas ao mesmo tempo e pausadamente, como o “bastão de Molière”, e anunciam o início da peça. Volta a ciranda TEATRO DO BURACO DO CÉU, os músicos saem tocando e cantando e ficam no tablado na lateral do palco, onde fazem as intervenções sonoras vocais e instrumentais na peça. Os cavaleiros saem dançando e cantando num bloco compacto.*

O Teatro do Buraco do Céu  
Abre a roda, bate palma e gira,  
Conta histórias do mundaréu,  
Bate o pé, dá umbigada e toca a lira! *(bis)*

Hoje tem coco, xote, maxixe e baião,  
Tem cururu, martelo, jongo, tem catira!  
Entra na roda e canta samba-canção,  
Tem viola e batuque pro Curupira! *(bis)*

*As luzes fecham aos poucos. A cantoria some na coxia, a música continua, instrumental, e faz a passagem do prólogo para o primeiro ato.*

## PRIMEIRO ATO

*A ciranda instrumental some à medida em que as luzes azuis se espalham no céu/palco; semiescuridão em azul. Começa o “tambor-de-crioula” CAÇADOR, cantado e tocado pelos músicos. Entra o Caçador, com uma lanterna, lança, arco, flecha, um facão, uma corda grossa no ombro, um cantil e um embornal com comida e ferramentas, à procura do buraco do tatu no fundo do palco.*

Lá no mato tem caçador,  
Corre onça, paca, cotia,  
Saíam da mira, da pontaria,  
O caçador chegou! *(bis)*

Na mata do céu tem tatu,  
Tatu é bicho fuçador.  
Que fugiu do caçador,  
Tá lá no fundo do buraco do mundo. *(bis)*

Na mata do céu tem capivara,  
Onça, sagui, jacaré, jabuti,  
Macaco, lagarto e arara.  
á vem caçador, corre quati. *(bis)*

*(a música continua, instrumental)*

CAÇADOR: *(joga a luz da lanterna no lençol e aparece a sombra do buraco)* Achei o buraco do tatu. Vou cavar fundo para ver a fuça dele. *(põe a lanterna de um jeito que apareça a sombra do buraco no lençol, vai para trás do lençol e aparece a sua sombra cavando com as mãos e uma pá pequena; cava mais; agitado)* Cadê você, tatu? Aparece, bicho fuçador. Põe o focinho no buraco. *(cava rápido)* Ih, vai dar uma trabalheira. Quanto mais cavo o buraco mais o tatu se esconde. *(cava mais rápido)* Vamos, põe o focinho no buraco. *(para de cavar; sai detrás do lençol)* O bicho fuçador não sai do buraco hoje. *(as luzes fecham um pouco, anoitece; fica a luz da lanterna com a sombra do buraco no lençol)* Já cavei o dia inteiro e não achei o tatu. *(senta e descansa; os músicos cantam)*

Lá no mato tem caçador.  
Corre onça, paca, cotia,  
Saíam da mira, da pontaria,  
O caçador chegou! *(bis)*

Tem tatu na mata do céu,  
Tatu é bicho fuçador,  
Que fugiu do caçador.  
Tá lá no fundo do buraco do mundo. *(bis)*

## ENTRE O CÉU E A TERRA

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

*A música continua, instrumental. Aparece no lençol a sombra do Tatu Gigante saindo do buraco, devagar. A música cresce e uma guitarra pesada entra na pulsação do “tambor-de-crioula”, em solos furiosos. À medida que a sombra do tatu sai do buraco, começa um vento muito forte, feito pelos músicos com apitos, flautas, junto com a música. O tatu sai detrás do lençol, as luzes abrem e fecham sobre ele, que anda pelo palco como uma assombração. O caçador vê o bicho e se esconde. O tatu e o caçador se movimentam com dificuldades por causa do vento forte e quando falam, a música pulsa baixinha como suporte das falas.*

TATU: *(voz grossa e misteriosa)* Não tem coragem de aparecer, caçador? Com sua vontade de me caçar e comer minha carne você cavou tanto o buraco que furou o céu.

CAÇADOR: *(aparece, seguro pela corda amarrada na coxa, assustado)* Furei o céu?

TATU: *Furou e agora o vento forte vai me fazer despencar do céu... (rodopia, gira e se movimenta pelo palco como se o vento o dominasse; as luzes abrem e fecham; o vento aumenta).* Não aguento o vento saindo do buraco do céu. Quem mandou cavar tanto o buraco?

CAÇADOR: *Não sabia que ia furar o céu. (o vento aumenta; a música cresce; as luzes abrem e fecham)*

TATU: *(interrompe)* O vento me puxa pro buraco do céu... Me salva, caçador... *(rodopia)* Eu vou cair do buraco do céu...

CAÇADOR: *Vou jogar uma corda. (o vento aumenta)*

TATU: *gira desorientado; as luzes piscam)* O vento me puxa... Não sei pra onde vou se cair do buraco do céu. *(vai para trás do lençol; a luz projeta a sua sombra; grita)* Vou cair... *(cai no buraco do céu, gritando; sua voz e sua sombra somem)*

*O vento forte e a música cessam no mesmo instante em que o tatu some no buraco. O caçador vai para trás do lençol e sua sombra aparece abaixado diante do buraco. Silêncio. A luz das sombras some. O caçador se desamarra da corda, retira o lençol e aparece o buraco do tatu, o pano marrom enrolado em círculo, como um montinho de terra. As luzes abrem sobre ele.*

CAÇADOR: *Que ventania! Como furei o céu? (olha pelo buraco, curioso)* O tatu caiu na terra. *(agitado)* Numa floresta de pau-brasil. Tem bicho correndo e um rio grande, um rio mar. *(olha pelo buraco, inquieto)* Onde vai o rio mar? Olha os bichos e os pássaros no rio mar. *(sussurra triste, olhando pelo buraco)* Ai, me deu uma dor no peito, uma coisa estranha que nunca senti. Um nó na garganta, um troço esquisito no coração. Por que sinto essa coisa estranha quando olho a terra pelo buraco?  
*Entram JONAS, ELIAS e ANTÔNIO, lavradores, e olham de longe o caçador falando sozinho diante do buraco.*

JONAS: *(surpreso)* Mas o que é que o compadre conversa com o buraco do tatu?

ELIAS (*ri*): Está falando com a tatuzada?

ANTÔNIO: Ou será que a conversa é com as formigas? (*riem e brincam*)

CAÇADOR: Eu fiz um buraco no céu!

ELIAS: O quê? Buraco no céu?

CAÇADOR: Cavei demais o buraco do tatu e furei o céu. Perfurei o azul do céu e o vento levou o tatu pelo buraco. Olhem, venham ver o que tem lá embaixo na terra. (*os outros se aproximam e olham pelo buraco, curiosos*)

JONAS: Um rio grande

ANTÔNIO: Mata de pau-brasil.

ELIAS: Quanto bicho!

JONAS: (*agitado*) Mas como é que o compadre furou o céu?

ANTÔNIO: Deve ter cavado muitos dias.

ELIAS: Fez isso sozinho?

CAÇADOR: Cavei sozinho e quando parei para descansar, apareceu o tatu gigante...

ANTÔNIO: (*interrompe e zomba*) Tatu gigante?

JONAS: (*ri, surpreso*) Ai, meu Deus, o que é isso?

ELIAS: Conheço tatu, mas “tatu gigante”? Nunca vi. (*aos outros*) Ei, compadre Antônio e Jonas, já viram tatu gigante por essas bandas? (*riem e zombam*)

ANTÔNIO: O que, Elias?

JONAS: “Tatu gigante”?

ELIAS: É, caçador, você anda muito pela mata e deve ver todo tipo de bicho.

ANTÔNIO: Ficar na mata muito tempo...

ELIAS: Não era um “tatumanduá”, mistura de tatu com tamanduá? (*riem muito*)

ANTÔNIO: Será que não era um “taturirinha”, meio tatu, meio ariranha? (*riem mais*)

JONAS: Vai ver era um “tatuelho”. Ou um tatumiga. (*riem muito*)

ELIAS: Ai, ai, ai, caçador, um “tatu gigante”. *(ri mais com os outros)*

CAÇADOR: Não acreditam que vi o tatu gigante?

ELIAS: Não é que não acreditamos, caçador.

JONAS: É esquisito aparecer um “tatu gigante” assim, sem mais nem menos.

ANTÔNIO: Do nada surgir um “tatu gigante”. Como pode isso?

CAÇADOR: Do buraco... Quando ele apareceu começou um vento forte que quase me levou pelo buraco. Daí, segurei na minha corda e o vento levou o tatu gigante pelo buraco do céu e ele caiu na terra.

JONAS: Ah, então o vento levou o tatu gigante? *(ri)*

ANTÔNIO: *(incrédulo)* Um “tatu gigante” passou por esse burquinho?

ELIAS: Como o vento conseguiu levar um tatu gigante como você diz?

ANTÔNIO: Um tatuzinho nesse buraco passa, mas tatu gigante, isso eu duvi de ó dó.  
*(riem)*

ELIAS: Nunca vi vento tão forte assim para levar um tatu e ainda por cima “gigante”.

JONAS: *(olha pelo buraco)* Cadê o tatu gigante lá na terra? Daqui só vejo rios, matas e bichos. Se o tatu é gigante dá para ver daqui de cima, não dá? *(os outros olham e riem)*

CAÇADOR: *(impaciente)* Olha, Antônio, Elias e Jonas, o assunto é sério. Eu conto tudo se não zombarem de mim. Já vi tudo na mata. Não desacreditem nas forças da natureza. *(sério)* O homem que não conhece os bichos do lugar que vive não conhece nada da vida e do perigo. Quem já viu à noite faísca saltando dos olhos de onça e de fera brava e faminta de frente, olho no olho, sabe o que falo. Se digo que vi o tatu gigante ser levado pelo vento forte e sumir pelo buraco e cair na terra é porque vi. Não conto mentira. Conto tudo se prometem que não vão mais rir e zombar do que eu disser.

ANTÔNIO: Então conta logo e pronto.

ELIAS: E a gente promete não zombar.

JONAS: Mas conta tudo tintim por tintim, caçador, pra gente não perder nada.

CAÇADOR: *(conta e gesticula)* Foi tudo assim. Eu estava caçando e vinha atrás do tatu que entrou no buraco. Daí, eu cavava e o tatu sumia, eu cavava e o tatu sumia. Aí, então, cavei tanto o buraco do tatu que furei o céu. De repente saiu do buraco um tatu gigante, dessa altura, e começou um vento forte saindo do buraco que levou o tatuzão pelo buraco e ele caiu na terra. *(silêncio)* Aí o vento parou, o tatu caiu na floresta de pau-brasil na terra. Quando fui olhar o buraco para ver a terra, deu uma tristeza, uma angústia, uma

coisa no coração, um nó na garganta que não sei explicar.

ANTÔNIO: Não era vertigem?

ELIAS: O caçador não ficou tonto olhando pelo buraco nas alturas?

JONAS: Não turvou a vista?

CAÇADOR: Não turvei a vista. Não era vertigem. Não tenho medo de altura. Vivo na mata há muito tempo e nunca senti uma coisa assim.

ANTÔNIO: Então o tatu gigante caiu na terra?

CAÇADOR: A força do vento saindo do buraco sugou o tatu. Não me pergunte como um tatu tão grande conseguiu passar por um buraco pequeno desses e cair na terra. Mas isso é fato, não é fita. Podem acreditar. Que o tatu gigante passou pelo buraco passou. Isso eu vi com esses olhos que já viram muita coisa misteriosa nesse mundão da mata, no sem fim desse céu. Já vi Onça-malhada, Cobra Grande, o Carão. E agora acabei de ver um tatu gigante levado pelo vento, que caiu na terra pelo buraco que eu fiz no céu...

ELIAS: *(olha pelo buraco)* Como deve ser viver na terra? *(se juntam e olham mais)*

JONAS: Lá deve ter fartura de comida... Eu queria ir pra terra.

ANTÔNIO: *(olha o buraco, fica tonto)* Ai, que tontura... Prefiro ficar no céu mesmo.

CAÇADOR: Agora acreditam. Tem coisas no céu que a gente nem imagina. E na terra? Entre o céu e a terra o que pode haver? Vimos o que há na terra, mas como ir até lá?

ANTÔNIO: Ir até lá? Aqui no céu nós temos tudo e olhem a distância, a lonjura que é a terra. Só de olhar a altura já sinto enjoo e vertigem. Não saio do céu e pronto.

ELIAS: Pois eu quero ir pra terra. Precisamos pensar num jeito de chegar lá.

JONAS: Eu ainda não sei. A distância é grande. E as crianças e as mulheres?

CAÇADOR: Elias tem razão. Precisamos pensar como ir até lá. Vamos chamar todo mundo e conversar sobre o assunto. *(olha pelo buraco; pensativo)* Lá deve ter muitos frutos. *(silêncio; os quatro olham curiosos pelo buraco; sussurra)* Mas como chegar lá?

*Começa o maracatu ENTRE O CÉU E A TERRA, instrumental e vocal, com tambores, chocalhos e agogô. Os homens ficam imóveis olhando a terra pelo buraco, admirados. Foliões do maracatu, embaixadores (um traz o pavilhão), damas, reis, rainhas, príncipes, princesas, a Dama do Paço (traz o calunga, boneca) e "caboclos de lança", com chapéus-de-sol adornados de franjas e espelhos, entram dançando em bloco, cantando em coro em resposta ao MESTRE "tirador de loas" e abrem uma roda em volta do buraco. O caçador e os outros continuam imóveis olhando pelo buraco, enquanto os foliões cantam*

*e dançam. Há um jogo de cortes e passagens de luz: as luzes abrem nos foliões e fecham um pouco sobre o caçador e os outros.*

MESTRE: *(buzina e canta sozinho)*

O céu é a nossa terra,  
Aqui não falta comida.  
Por quê fazer uma guerra  
E ver a gente dividida? *(bis)*

Do céu não vamos descer,  
Na terra não vamos viver!  
Caboclada!  
Mas lá tem mata de pau-brasil,  
De lá se vê o nosso céu azul anil,  
Vamos embora pra terra agora!  
Caboclada! *(bis)*

Alê, alê, alê,  
Calunga do céu,  
Entre o céu e a terra,  
O que há de ser, êh êh? *(bis)*

Léu, léu, léu,  
Calunga da terra,  
Entre a terra e o céu,  
O que há de ser, léu, léu? *(bis)*

*O Mestre apita três vezes, a música e a dança cessam, de forma sincronizada, e os foliões do maracatu param num gesto e fixam uma imagem. Apenas o caçador, Jonas, Elias e Antônio se movimentam agora e conversam olhando a terra pelo buraco. Jogo de corte e passagem de luzes, que abrem sobre eles e fecham um pouco nos foliões parados.*

JONAS: Como chegar até a terra? Se o caçador disse que o vento levou o tatu gigante, então vamos esperar outro vento forte e deixar que nos leve pra lá.

ELIAS: Mas aí a gente morre se cair de uma altura tão grande. O tatu tem couro forte que protege e nós? De que maneira descer pelo buraco do céu até lá?

ANTÔNIO: E as crianças e as mulheres? Do vento forte ninguém escapa.

*O Mestre buzina, o maracatu volta e os foliões cantam e evoluem. O caçador e os outros agora ficam imóveis, abaixados e olhando o buraco, enquanto os outros cantam e dançam. Jogo de cortes e passagem de luzes, que abrem sobre os foliões e fecham um pouco sobre os outros.*

MESTRE: *(buzina e canta sozinho)*

Alê, alê, alê,  
Calunga do céu,  
Entre o céu e a terra,  
O que há de ser, alê, alê? *(bis)*

*Depois do bis, o Mestre buzina, a música cessa e os foliões param num gesto. O caçador, Jonas, Elias e Antônio retomam os movimentos. As luzes abrem sobre eles.*

CAÇADOR: *(decidido)* Vamos juntar todos os fios de algodão, cordas, colares, lenços, braceletes, cintos, varais, as cordas dos arcos e fazer uma corda forte e grande.

ANTÔNIO: *(contrariado)* Mas nem todo mundo quer ir pra terra. Minha família é grande e como vou levar todo mundo pra lá?

CAÇADOR: Só vai pra terra quem quiser.

JONAS: Cada um decide se quer ir ou não.

ELIAS: Antônio tem razão. Pra ele é difícil deixar o céu com a família. Ele aqui tem comida.

ANTÔNIO: Isso não quer dizer que não vou ajudar quem quiser ir. O jeito é fazer como o caçador falou, juntar todas as cordas, fios e fitas e fazer uma corda bem grande para descer até a terra. Eu não vou, mas ajudo a fazer a corda.

CAÇADOR: Então todo mundo vai pra casa e recolhe tudo que é fio, corda, barbante e traz pra gente amarrar e fazer a corda. Quem quiser desce pra terra, quem não quiser fica no céu. *(o Mestre buzina, o maracatu volta, os foliões cantam e dançam; Jonas, Elias, Antônio e o caçador se misturam à folia)*

Léu, léu, léu,  
Calunga da terra,  
Entre a terra e o céu,  
O que há de ser, léu, léu? *(bis)*

*Todos saem cantando e dançando o maracatu. As luzes fecham aos poucos. A música continua, instrumental, e faz a passagem do primeiro para o segundo ato.*

FIM DO PRIMEIRO ATO

---

### SEGUNDO ATO

*As luzes abrem e anunciam a manhã. Entram a Formiga e o Tatu-Bola, desenrolam o pano marrom, o transformam num grande túnel/buraco e seguram a boca do túnel na frente do palco, da boca de cena para o fundo do palco, de modo que os espectadores se sintam na entrada do buraco e vejam o fundo. Entram o caçador, Antônio, Elias e Jonas, lentamente, como numa procissão, segurando uma grossa e grande corda, como a corda do Círio de Nazaré paraense, seguidos pelo jovem MAIRUM, homens e mulheres com os filhos (bonecos) às costas, trouxas e objetos. Todos se movimentam na pulsação do maracatu instrumental. A corda não tem fim e está apoiada na coxa. O caçador para na boca do buraco com a ponta da corda. A música some. A formiga e o tatu-bola ficam imóveis segurando a boca do túnel.*

CAÇADOR: É hora de descer pra terra. Eu levo a ponta da corda lá no fundo do buraco e depois vocês descem um de cada vez.

ELIAS: Cada um segura bem a corda para não cair.

JONAS: É bom não desgrudar da corda até tocar o pé no chão lá na terra.

ANTÔNIO: *(triste)* Fico por aqui e ajudo na descida. Oxalá vocês consigam chegar lá na terra e viver bem. *(olha o fundo do túnel)* Sinto vertigem só de olhar a altura.

CAÇADOR: *(decidido)* Então eu desço primeiro e depois vocês descem. Quando chegar lá, balanço a corda pra dizer que está tudo bem e aí podem descer.

*Começa o xote PÉ NO CHÃO, instrumental, em ritmo lento. O caçador entra devagar no túnel levando a ponta da corda. Uma luz abre no fim do túnel e o caçador some no fundo. A espera pelo sinal do caçador tem uma dinâmica, um jogo cênico entre a música e as ações, para simular a passagem do tempo, em que os atores ora se movimentam, na pulsação da música, ora ficam parados. Depois de um tempo nessa dinâmica, o caçador volta, afobado, a música acaba e todos ficam em alvoroço.*

CAÇADOR: *(ofegante)* Não consegui saltar nem tocar o pé no chão da terra. A altura para saltar é grande. A corda é pequena e precisamos de uma emenda. *(alvoroço e confusão)*

JONAS: E agora?

ELIAS: A corda não deu...

ANTÔNIO: *(interrompe)* Melhor assim. Aí todo mundo fica no céu e pronto.

JONAS: O quê?

ELIAS: *(indignado)* Isso não!

*Os atores cruzam os braços, interrompem a história, desconstroem os personagens, param o espetáculo e sentam na boca de cena. Escuridão no palco, acendem as luzes da plateia.*

ATOR/CAÇADOR: A história ficou sem saída.

ATOR/ANTÔNIO: É, acaba assim. Todos continuam a viver no céu para sempre.

ATOR/ELIAS: Assim foi, assim é e assim sempre será.

ATOR/JONAS: Viver no sem fim do azul do céu até o fim da vida. *(silêncio e tensão)*

ATOR/FORMIGA: *(ao público)* E a história acaba assim.

ATOR/TATU-BOLA: A vida continua no céu. *(silêncio)*

ATOR/ELIAS: Quem não gostou pode pegar o dinheiro de volta na bilheteria. *(mais silêncio; tensão entre os atores e o público)*

ATOR/JONAS: Acabou a peça. *(silêncio e tensão)*

ATOR/ANTÔNIO: *(sério, ao público)* Ninguém acredita que acabou a história? Acabou mesmo e peguem seu dinheiro na saída.

ATOR/CAÇADOR: Muito obrigado pela presença e até breve.

ATOR/ELIAS: *(levanta)* Eu vou pro camarim. *(todos levantam e saem; tensão no público)*

ATOR/MAIRUM: *(animado)* Se a corda é pequena, então vamos juntar todos os fios, lenços, panos e barbantes. *(distribui cordas, barbantes e fitas coloridas ao público)*

ATOR/FORMIGA: É isso! Juntamos todas as fitas, lenços...

ATOR/TATU-BOLA: Cada um do público amarra ou tece a sua fita e a sua corda com quem está ao lado ou atrás ou na sua frente.

ATOR/ELIAS: *(feliz)* Pode juntar dando um laço ou um ponto ou um nó...

ATOR/JONAS: Quanto mais forte e grande a corda ficar, melhor.

ATOR/MAIRUM: *(eufórico)* Todo mundo ajuda a fazer uma corda até tocar o chão da terra.

ATOR/CAÇADOR: E aí amarramos na ponta da corda grande.

*Começa o samba-de-roda FIO TERRA, tocado pelos músicos e alguns atores com colheres, facas, pratos, frigideiras, surdo, cuíca e cavaquinho, enquanto os atores começam o jogo poético musical de participação e interação do público. As fitas*

*juntadas pelo público são amarradas à ponta da corda grande no palco, de modo que as cordas dos espectadores fiquem sobre suas cabeças ou entre eles, espalhadas pela plateia. Enquanto juntam e tecem as cordas, todos cantam o samba-de-roda e brincam com a batucada.*

Do céu para a terra tem um fio,  
Do céu para a terra tem um caminho.  
Na terra tem mar, tem rio,  
Tem luar, tem bicho mansinho,  
Tem onça-pintada e bicho arredio  
Tem corrupio e pio de passarinho. *(bis)*

*Depois que as fitas foram tecidas e amarradas à corda grande, os atores retomam seus personagens e lugares na história. A luz da plateia fecha e abrem as luzes no palco. O samba cessa. O caçador pega a ponta da corda com as fitas, barbantes e cordas coloridas do público. Volta o xote PÉ NO CHÃO, instrumental.*

CAÇADOR: *(feliz)* A corda agora vai dar direitinho para tocar o chão da terra. Quando chegar lá, dou um sinal balançando a corda. Tem que sustentar todos na descida.

*Abre a luz no fim do túnel/buraco. O caçador entra no túnel com a corda lentamente e some no fundo. Todos esperam o sinal, da mesma forma que na primeira descida do caçador, simulando a passagem de tempo numa coreografia dinâmica entre a música e os movimentos dos atores. Quando a música toca, eles se movimentam, no ritmo do xote, sincronizados, como numa coreografia, e quando o xote para, os atores param num gesto. Depois das paradas e breques da música, a corda balança, o caçador retorna, todos se alvoroçam e a música cessa.*

CAÇADOR: *(cansado)* Amarrei a corda no tronco de um enorme carvalho. *(senta e descansa; todos ficam em volta dele)* A descida é fácil e o problema é encontrar com os bichos da terra quanto tocar o chão. Tem que olhar pros dois lados e correr pelos campos até encontrar um abrigo.

JONAS: Podemos descer um a um...

ELIAS: Resistindo às alturas.

MAIRUM: *(um menino)* Primeiro vão as mulheres...

CAÇADOR: *(interrompe)* Não. Primeiro vão os mais jovens e fortes como você, Mairum, e depois descem as mulheres com seus filhos às costas.

JONAS: O menino está certo. Primeiro descem as mulheres com as crianças...

ELIAS: E quando chegar lá na terra?

ANTÔNIO: O caçador tem razão no que diz. Primeiro descem os mais jovens para ver os campos, saber o lugar onde estão e proteger as mulheres e as crianças.

CAÇADOR: As mulheres com seus filhos descem entre um jovem e outro. Ninguém sabe o que pode encontrar quando chegar ao chão. É pisar na terra e correr pelos campos e matas até se encontrar protegido das feras.

ELIAS: E se for uma onça-pintada?

JONAS: Ou um jacaré?

ANTÔNIO: Eu vou ficar aqui no céu e ajudo a descida.

CAÇADOR: Depois dos jovens, mulheres e crianças, vão os homens e, por último, os mais velhos. *(começa a moda de viola PARTIDA, cantada por todos enquanto se despedem)*

O povo do céu acaba de descobrir  
Uma palavra com cinco letras,  
Que traz em si mesma um sentimento profundo.  
É quando a gente ri e chora, chora e ri,  
Porque é a hora de alguém querido partir  
Para algum canto do mundo. *(bis)*

É um A de Amizade,  
É um D de Destino,  
É um E de Eternidade,  
É um U do Único,  
É um S de Saudade. *(bis)*

É um A de Amor,  
É um D de Dom,  
É um E de Eu,  
É um U de Um.  
É um S de Seu. *(bis)*

CAÇADOR: *(fala baixinho, triste)* É esse o sentimento que tive quando olhei pelo buraco e vi a terra lá embaixo pela primeira vez.

*(fala, na pulsação da viola)*

Acabo de descobrir  
Uma palavra com cinco letras,  
Que traz em si mesma um sentimento profundo.  
Quando a gente ri e chora, chora e ri,  
Porque é a hora de alguém querido partir  
Para algum canto do mundo.

## ENTRE O CÉU E A TERRA

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

*Todos cantam o verso falado pelo caçador. Elias, Jonas, o caçador, Elias, Jonas, Mairum, os homens e as mulheres com as crianças se despedem de Antônio e dos que ficam no céu, seguram a corda e entram no buraco. Os que ficam no céu saem, os que vão para a terra somem no fundo do túnel. Semiescuridão. A moda de viola continua, instrumental. Entram anjos vestidos de branco, com estrelas reluzentes, pontos luminosos e brilhos nas roupas, fazem a mudança de cenário, retiram o túnel, os panos azuis e brancos do céu e transformam o palco numa mata tropical, com panos em tons verdes nas laterais e no fundo. Desce uma corda até o chão, no centro. Os anjos saem e as luzes abrem alegres na mata. A música some misturando-se aos pios, uivos e sons da mata. O caçador, Jonas, Elias, Mairum, os homens e as mulheres chegam à mata entrando no palco como quem cai da corda, aos tropeções, com saltos e cambalhotas. Ouve-se o rugido de uma fera. Começa o ijexá MAPINGUARI, com atabaques, instrumental.*

MAIRUM: *(assustado)* Caçador, eu vou correndo com as mulheres e as crianças para algum abrigo na mata. *(ameaça correr)*

CAÇADOR: *Espera. (ouve atento; outro rugido)* Silêncio. *(pausa; mais um rugido; aponta)* Vem de lá o rugido da fera. Vai correndo pelo outro lado e se esconde em algum abrigo com as mulheres. Nós ficamos aqui. *(rugido mais forte)*

*Mairum e as mulheres saem correndo. Entra o monstro amazônico MAPINGUARI, macacão peludo agigantado (ator com perna de pau), coberto com cabelos negros como um manto, menos no umbigo. Com as unhas em garra e os pés tortos, traz um homem/boneco embaixo do braço, do qual come a cabeça. Quando ele morde a cabeça saem sangue, miolos, massa encefálica, etc., feitas com líquidos e materiais especiais, como efeitos para causar repulsa. O tambor-onça e a cuíca fazem os rugidos do bicho, na pulsação do ijexá. O caçador, Jonas e Elias se juntam e se escondem num canto.*

MAPINGUARI: *(grita)* Eu mato gente pra comer. *(ruge; abocanha as orelhas do boneco)*

CAÇADOR: *(escondido, sussurra aos outros)* É um monstro da mata da terra.

ELIAS: *(com medo)* A fera tem o corpo todo cabeludo.

JONAS: Parece o Curupira.

ELIAS: O Caapora...

MAPINGUARI: *(alto e ameaçador)* Quem sussurra por aqui? *(vê a ponta da corda)* De onde vem essa corda? *(ruge; os atabaques crescem)*

CAÇADOR: *(aparece)* Vem do céu. *(Jonas e Elias aparecem)* Nós viemos do céu nessa corda.

MAPINGUARI: *Vieram do céu? (olha o caçador e cheira-o de longe)* Sinto seu cheiro de caçador. Lá no céu não sabem que aqui na terra Mapinguari gosta de comer os olhos, a língua e os miolos da cabeça dos caçadores? *(ruge; os atabaques crescem)*

CAÇADOR: *(assustado)* É assim aqui na terra?

MAPINGUARI: É assim aqui na mata tropical e quando Mapinguari sente cheiro de caçador a fome aumenta. Nunca comi cabeça de caçador do céu. *(a música cresce; grita, arranca numa dentada e come um dos olhos do homem/boneco)*

JONAS: *(com medo)* É melhor fugir. Ai, a fera quer comer as nossas cabeças.

ELIAS: *(tremendo)* Não quero ficar sem os olhos. Não é melhor voltar pro céu? *(se junta com Jonas num canto, onde ficam encolhidos e assustados)*

CAÇADOR: *(rodeia o bicho)* Mapinguari, não sou como o caçador da terra.

MAPINGUARI: *(ruge e rosna, irritado)* Nenhum caçador de qualquer lugar do mundo me desafia. *(abocanha o outro olho do homem/boneco)*

CAÇADOR: É porque eles não sabem...

MAPINGUARI: *(interrompe e ameaça, furioso)* Chega de prosa, homem que veio do céu. *(tenta pegá-lo)* Não vai conseguir fugir das minhas garras por muito tempo. *(pega a ponta da corda e sacode)* Vou puxar a corda pra não descer mais ninguém do céu. *(ri alto e ruge; os atabaques crescem; entram caindo da corda no chão alguns homens, tropeçando, veem a fera e correm mata adentro; sacode mais e cai mais um homem, que corre; sacode mais ainda e a corda cai)* Pronto. Quem não desceu do céu não desce mais. *(arranca e come o nariz do homem/boneco)* É só sentir cheiro de caçador que fico com muita fome.

CAÇADOR: *(põe uma flecha no arco)* Chega de maldade, Mapinguari. Você tem os pés iguais aos do Curupira e é igual aos outros monstros. Lá no céu também tem feras e monstros. Atiro uma flecha no seu umbigo e você morre. Nem bala nem flecha te matam, porque os cabelos te protegem, mas se acerto no seu umbigo sem cabelo... *(cerca o monstro, com a flecha no arco; mira o umbigo dele)* Se te acerto no umbigo... *(os dois começam um jogo, uma dança de ataque e defesa entre a caça e o caçador, com movimentos sincronizados, na pulsação do ijexá)*

MAPINGUARI: *(morde e come a língua do boneco)* Nem na terra nem no céu tem alguém que acerta meu umbigo. *(ri alto)* Minha fome aumenta só de sentir seu cheiro, caçador do céu.

CAÇADOR: *(mira o umbigo dele)* Já disse que te mato se te acerto no umbigo.

MAPINGUARI: *(come a língua do homem/boneco)* Vou comer essa língua de caçador que fala muito. *(provoca o caçador)* Atira a flecha! Vamos, caçador, atira!

CAÇADOR: *(vacila)* Eu não quero... Mas preciso te matar, Mapinguari, pra que não mate e não coma mais ninguém.

MAPINGUARI: Matar? *(grita, alucinado)* Ai, a fome é que me mata! Preciso matar a fome antes que ela me mate. *(delira)* A língua de um caçador do céu que fala muito deve ser deliciosa... Nunca comi nem olho, nem língua e nem orelha de caçador do céu. *(ruge e come um antebraço do homem/boneco)*

CAÇADOR: Nunca vai comer.

*Atira a flecha em direção ao umbigo do monstro, mas a fera se protege colocando o homem/boneco na frente do umbigo. A flecha finca no boneco e o monstro cerca o caçador.*

MAPINGUARI: *(furioso)* O caçador do céu vai ver como é a mordida do Mapinguari da terra! Eu quero essa língua...

*A música cresce, o monstro urra e grita, pega o caçador pelo braço, segura a sua cabeça e quando vai dar uma dentada e comer os olhos do caçador, Jonas e Elias atacam a fera pelos lados com facões. A luta com o monstro é uma dança, na pulsação do ijexá. O bicho é ferido pelos facões de Elias e Jonas, fica aturdido e foge urrando e levando o homem/boneco. Jonas e Elias acodem o caçador e a música cessa.*

JONAS: Ainda bem que conseguimos espantar o bicho.

ELIAS: Meu amigo caçador, essa foi por muito pouco.

CAÇADOR: *(refaz-se)* Por pouco mesmo eu fico sem os olhos.

JONAS: E depois ia ficar sem a língua e sem a cabeça.

ELIAS: Que bicho feroz! Fiquei com um medo danado de morrer.

CAÇADOR: Quase acertei o umbigo dele. *(silêncio)*

JONAS: É verdade esse negócio de o bicho ser protegido das flechas pelos cabelos?

ELIAS: Ou é conversa de caçador? *(ri e brinca)* É fato ou é fita de caçador?

CAÇADOR: Vocês não viram como ele não tem pelos no umbigo? É o único lugar vulnerável dele. O bicho protegeu o umbigo com o corpo do homem. Lá vem vocês novamente não acreditando no que digo. Foi assim com o buraco do tatu e agora com o umbigo do Mapinguari. Eu disse que tinha furado o buraco do céu e aqui estamos na terra. O que faço pra acreditarem em mim?

JONAS: Não precisa fazer nada, caçador.

ELIAS: Você estava certo em tudo que falou.

JONAS: Estamos só brincando contigo. *(todos riem, aliviados)*

CAÇADOR: Ainda não vimos homens nem mulheres e nem crianças na terra.

ELIAS: Será que aqui só tem feras e monstros?

JONAS: De que adianta essa mata tão esplendorosa e cheia de frutos se aqui só tem monstros?

CAÇADOR: Lá do céu eu só vi os bichos e o rio mar.

ELIAS: *(triste)* Se não tiver gente aqui na terra, acho bom voltar logo pro céu. *(entram Mairum e as mulheres com as crianças no colo, ofegantes)*

MAIRUM: *(cansado)* Não aguento mais correr pela mata sem encontrar abrigo. *(senta e toma fôlego)* Não vi uma alma viva nesse matão sem fim.

MULHER 1: *(senta, com o bebê no colo)* Nem barulho de vozes ou alguém de carne e osso.

MULHER 2: Só ronco e urro de bicho.

MULHER 1: Mas nunca vi tanta fruta caindo das árvores.

MULHER 2: E tanto alimento brotando do chão.

MAIRUM: Para qualquer lugar que se olhe na mata tem fartura de comida.

MULHER 1: Vontade de viver aqui... Mas não sei se existe gente.

MULHER 2: Até agora não vimos nenhum bicho. Só ouvimos os rugidos e os roncões das feras da mata.

MULHER 1: Ver bicho não vimos, mas às vezes sinto que tem uns olhos me vigiando, escondidos na mata.

MULHER 2: Pelo rugido das feras já dá para imaginar como elas são. Ai, que medo...

MULHER 1: Se aparecesse uma fera eu não sei o que seria das crianças.

CAÇADOR: Ainda bem que não viram o Mapinguari. *(acento musical, misterioso)*

MULHER 1: Então vocês viram uma fera?

MULHER 2: Um monstro da mata?

ELIAS: Vimos e assustamos, mas o “macacão cabeludo” derrubou a corda... *(pega e mostra a corda no chão)*

MULHER 1: “Macacão cabeludo”?

MULHER 2: Derrubou a corda?

JONAS: Puxou a corda forte e ela caiu do céu.

ELIAS: E nem todo mundo conseguiu descer do céu.

MULHER 2: *(chora, aflita)* Os nossos maridos ficaram no céu?

CAÇADOR: Não sabemos quem desceu.

ELIAS: Uns correram pra mata.

JONAS: Devem estar perdidos.

MULHER 1: O que será de nós sem nossos homens? *(balança o bebê, chorosa)*

MULHER 2: *(chora e acaricia o bebê no colo)* E se ficaram no céu?

JONAS: Se não tiver gente na terra... *(rugido forte de um bicho)*

CAÇADOR: *(acalmado)* Melhor ficar quieto e esperar.

*Silêncio. As luzes fecham lentamente e a mata escurece. Mais um rugido forte. As luzes abrem e fecham como clarões de fogos de artifício na mata escura. O caçador, Elias, Jonas e Mairum se juntam no meio e fazem uma roda em volta das mulheres com as crianças, protegendo-as. De longe se ouvem sons de cantoria.*

CAÇADOR: *(sussurra, feliz)* São vozes de gente cantando.

ELIAS: Isso quer dizer que tem gente na terra.

MULHER 1: São os nossos maridos?

MULHER 2: Que bom seria.

MAIRUM: *(admirado)* Olha o fogo clareando o céu da mata.

ELIAS: É fogueira na floresta?

JONAS: Relâmpagos?

MAIRUM: É fogo de festa. *(os sons da cantoria crescem)*

CAÇADOR: *(murmura)* É música de festa.

*Três apitos longos de chamada de bloco de carnaval. Começa a marcha-rancho AMOR DE CARNAVAL. As luzes abrem na mata e os FOLIÕES do “cordão de índios” (ou bloco de sujos) entra cantando e dançando. No estandarte vermelho e branco de veludo e cetim, com espelhos, franjas, fitas e brilhos dourados e prateados, tem os dizeres: “Bloco Carnavalesco Folia da Terra – Carnaval do Mundo”. A música cessa, os foliões param num gesto, compondo a imagem de uma fotografia de carnaval num álbum de família. O “CLÓVIS”, “bate bola”, com uma bola amarrada num bastão de madeira, comanda os foliões e nas fantasias predominam o vermelho e o branco, com cores nos detalhes. O caçador e os outros observam admirados o bloco na roda no meio do palco. A música volta e o Clóvis e os foliões cantam.*

*(refrão)*

É carnaval na terra,  
Tempo de amar e abrir o coração!  
É a hora do riso, do amor e da quimera,  
Quando a mocinha beija o vilão. *(bis)*

Todo mundo é rei no carnaval,  
Tudo é belo e feio, é o bem e o mal.  
O mundo gira e a terra dança na brincadeira,  
No coração da mata tem zunzunzum a noite inteira. *(bis)*

*A marcha-rancho cessa, os foliões param num gesto, compondo outra imagem de fotografia de carnaval. O caçador e os outros vibram, fascinados. Começa o samba de breque DANÇA DA TERRA. O bloco dança e canta e nos breques do samba, os foliões param e fixam imagens. Os foliões cantam o refrão e as partes faladas e cantadas são divididas entre eles.*

Tem rio, bicho, sol, chuva e comida,  
Chão, pó, poeira, poesia e cantoria,  
Tem criança na roda dança da vida. *(bis)*

*(falado)*

A estrela da tarde anunciou  
Que o povo do céu na terra ia chegar.

*(cantado e tocado)*

Traz o cavaco, o surdo, a cuíca e o tambor.  
Evoé, povo das estrelas! Vamos dançar! *(breque)*

*(falado)*

Na terra tem ciranda, chegada e embaixada,  
Pastoril, reisado, pajelança e o Rei Momo em fevereiro.

*(cantado e tocado)*

Tem congada, jongo, samba e batuque de umbigada.  
Tem festa pros santos de janeiro a janeiro. *(breque)*

*(falado)*

Salve, povo do céu! Hoje tem coco, maxixe e baião,  
Samba de caboclo, samba-lenço, samba-de-roda e samba-canção.

*(cantado e tocado)*

Tem xote, frevo, marujada e maracatu.  
Doce de leite, paçoquinha, cocada, arroz e feijão.  
Açaí, batata doce, tomate e agrião.  
Vou tomar café com pão de queijo e comer biju. *(breque)*

*(falado)*

Também tem tiquira e cupuaçu,

*(cantado e tocado)*

Olha a goiabada, manga rosa, bananada e mamão!

*(refrão)*

Oi bate palma, bate pé, na terra tem folia,  
Tem rio, bicho, sol, chuva e comida,  
Chão, pó, poeira, poesia e cantoria,  
Tem criança na roda dança da vida. *(bis)*

*Os foliões cantam o refrão, o Clóvis bate com a bola três vezes no chão e a música cessa. Os foliões param em volta da roda com o caçador e os outros, que ficam assustados.*

CLÓVIS: *(cordial)* Então são vocês que a estrela da tarde anunciou que chegariam do céu aqui na terra?

CAÇADOR: Somos do céu...

CLÓVIS: *(interrompe)* Como vieram do céu? Voando? Vieram com o vento? Saltaram lá de cima? Você parece ser caçador.

CAÇADOR: Sim, sou caçador. Viemos pela corda. Os outros que vieram do céu fugiram correndo pela mata quando viram o Mapinguari... *(acento musical, ronco e urro do bicho feito com cuíca ou tambor-onça; os foliões se olham e riem)*

ELIAS: É, o macacão peludo.

CLÓVIS: E o que o “macacão peludo” fez? *(ri com os foliões)*

JONAS: Queria comer as nossas cabeças...

ELIAS: Balançou, puxou forte e arrebentou a corda do céu.

JONAS: E aí caíram na terra homens e mulheres do céu que estavam descendo pela corda. Eles fugiram do Mapinguari. (*acento musical, ronco do bicho*)

ELIAS: (*conta e gesticula*) O bicho cabeludo quase come os olhos do caçador.

JONAS: E ia comer depois as nossas línguas, orelhas, cabeças e miolos. Aí o caçador jogou uma flecha no umbigo dele, mas o macacão peludo se protegeu colocando um homem que ele estava comendo na frente do umbigo. A flecha acertou no homem e aí o bicho ficou furioso e pegou o caçador pelo braço.

ELIAS: (*empolgado*) Atacamos o bicho pelos lados com nossos facões, ele ficou desorientado. Quando a fera cabeluda ia morder e comer a língua do caçador, eu e o Jonas atacamos a fera pelos lados com nossos facões.

JONAS: Nós ferimos o macacão cabeludo e depois ele fugiu correndo pela mata com medo da gente.

ELIAS: Enfrentamos no facão e na unha o monstro peludo dos pés tortos.

JONAS: Na mão...

ELIAS: No sopapo...

JONAS: No “catiripapo”.

ELIAS: E no facão. (*todos riem*)

CAÇADOR: Fugiu ferido e urrando feito uma besta pela mata.

CLÓVIS: (*rindo*) Quer dizer que vocês enfrentaram o Mapinguari? (*acento musical cômico*) Ouviram isso, povo da terra? Eles assustaram no “catiripapo” e no facão o Mapinguari. (*outro acento musical cômico; todos riem*)

CAÇADOR: Foi sim. Não acreditam? Mirei mas o macacão protegeu o umbigo com o homem que ele comia a cabeça e fugiu quando o Jonas e o Elias encurralaram e feriram o bicho com os facões.

CLÓVIS: Ah, sim... Mas não foi no tapa, no sopapo, no “catiripapo”? (*ri*)

CAÇADOR: Ele agarrou minha cabeça e ia comer minha língua. Aí eles atacaram o bicho.

JONAS: Tinha mais de cinco metros.

ELIAS: Uns quatro.

JONAS: Quatro? Tinha uns seis metros o homem macacão peludo dos pés tortos.

CLÓVIS: Seis metros? *(ri)* A descida do céu pra terra não perturbou a cabeça de vocês e estão confundindo sagui com “macacão peludo”? *(os foliões riem)*

CAÇADOR: O bicho só não tinha cabelo no umbigo.

CLÓVIS: No umbigo? *(ri alto)* Um macacão peludo que não tinha cabelo só no umbigo? *(gargalha)* Essa é boa. Meu povo da terra, os homens do céu estão dizendo que viram o Mapinguari. *(mais um acento musical cômico; todos gargalham e zombam)*

CAÇADOR: Não sei por que não acreditam. Nunca viram o Mapinguari? *(acento musical, ronco do bicho)* Foi esse o nome que o monstro disse que era.

CLÓVIS: Ah, o bicho fala? O “macacão cabeludo” falou o nome dele pra vocês? *(gargalha com os foliões)* O Mapinguari... *(acento musical cômico)* Ninguém consegue ver as pegadas tortas dele faz muito tempo. *(aos da terra)* Quem se lembra do Mapinguari? *(outro acento musical cômico; todos murmuram negando)* Me diz uma coisa, caçador. Aqui na terra quem tem fama de contador de causo exagerado e de contador de “lorota” são os pescadores. Lá no céu são os caçadores? *(todos gargalham)*

CAÇADOR: Eu só conto o que vi com esses olhos e vivi com esse corpo, essa carcaça que já enfrentou muitos bichos. Se eu disse que vi o Mapinguari... *(acento musical cômico)* É porque vi. Se não quiser acreditar não acredita, mas que nós três vimos e eles dois feriram e espantaram o bicho, o macacão peludo, isso aconteceu sim e é verdade.

JONAS: Pode acreditar no que diz o caçador.

ELIAS: Lá no céu quem tem fama de contador de mentira são os caçadores, mas nessa história do Mapinguari... *(acento musical cômico)*

JONAS: O caçador diz a verdade. Nós vimos e enfrentamos o bicho.

ELIAS: Ficamos cara a cara com o homenzarrão, o macaco cabeludo gigante.

CLÓVIS: Será que o Mapinguari... *(acento musical, ronco do bicho)* Só aparece pra quem não é da terra?

CAÇADOR: O bicho puxou e cortou a corda, alguns caíram e muitos ficaram no céu. Os que caíram correram do bicho e sumiram na mata.

ELIAS: Nunca mais vamos ver muita gente.

MULHER 1: *(chora)* Meu marido. O que aconteceu com meu marido?

MULHER 2: O que será de nós com nossos filhos sem pai?

CAÇADOR: Uma hora eles aparecem.

CLÓVIS: *(conforta as mulheres)* Na terra as crianças são cuidadas por todos, são filhas de todo mundo. Vocês chegaram em fevereiro, época de festa. É carnaval. Em junho, nas festas juninas fazemos balões cheios de suspiros, cocadas e balas e mandamos pro povo do céu. Aqui tem muito doce de goiaba, jabuticaba e banana da terra.

CAÇADOR: As crianças fazem grandes pipas e mandam os doces pro céu.

CLÓVIS: O carnaval é para cantar e brincar. A tristeza não tem vez na terra durante o carnaval. Aconteça o que acontecer. A felicidade está em todo lugar, na mata, nas cidades, no barraco ou no castelo... Quem sabe seus amigos e maridos ouvem os nossos cantos e brincadeiras lá no céu ou em algum lugar na mata?

*O Clóvis apita e volta a marcha-rancho AMOR DE CARNAVAL. Os foliões põem fantasias no caçador, em Jonas, Elias, Mairum e nas mulheres no meio da roda e saem cantando num bloco compacto, em movimentos marcados. A luz cai em trevas e continuam os brilhos de fogos de artifício na mata escura. A marcha-rancho some. Na semiescuridão, entram heróis CAVALEIROS vestidos com roupas brancas, com desenhos e estrelas luminosas (feitas com faixas e adesivos reflexivos e reluzentes, de iluminação de trânsito) divididos em dois grupos, um com pontos luminosos azuis e outro com luminosos vermelhos. Eles entram cavalgando seus cavalos de pau trazendo bandeiras, espadas e estandartes e cada grupo fica com seu estandarte de um lado do palco, de modo que um lado seja o céu e o outro lado seja a mata na terra. As luzes abrem aos poucos.*

CAVALEIRO 1: Muitas luas se passaram...

CAVALEIRO 2: Depois de fevereiro...

CAVALEIRO 3: *(com uma sanfona)* Os homens, as mulheres e as crianças do céu e da terra resolveram comemorar e fazer uma grande festa. *(acento musical, solo na sanfona)*

CAVALEIRO 1: Na terra é época das festas juninas...

*Começa AMOR DE SÃO JOÃO, baião, com variações para xote, música de quadrilha, com sanfona, zabumba e triângulo. Os cavalos de pau são usados também como alegorias de mão. As luzes abrem totalmente e os clarões dos fogos de artifício continuam. A música começa como baião, instrumental. Os cavaleiros falam na pulsação do baião.*

CAVALEIRO 3: Quem vivia na terra preparou muitos doces de goiaba, jabuticaba e banana-da-terra.

CAVALEIRO 1: As crianças fizeram grandes pipas e mandaram os doces para o céu.

CAVALEIRO 2: Os homens do céu soltaram balões carregados de suspiros, cocadas e balas.

CAVALEIRO 3: As estrelas cadentes riscavam o firmamento como fogos de artifício.

*Os dois grupos cantam, dançam, sapateiam e se movimentam pelo palco em evoluções e passos marcados. O cavaleiro 1 com um apito comanda as evoluções dos cavaleiros pelo palco.*

Acende a fogueira  
Do meu coração.  
Hoje tem brincadeira,  
Chama o povo pro terreiro  
Tem festa de São João! *(bis)*

Ela rezou pra Santo Antônio  
Sonhando com o matrimônio  
E uma casinha pra morar.  
Meu amor de São João,  
Eu te dou essa canção,  
Não tenho patrimônio,  
É tudo que eu posso dar. *(bis)*

*Depois do último bis, a música muda o ritmo de baião para xote e continua, instrumental. Os atores falam na pulsação do xote.*

CAVALEIRO 3: Foi uma festança com muita música, muitos doces e muitas danças.

CAVALEIRO 2: A festa só acabou no terceiro dia.

CAVALEIRO 1: Porque os dedos dos sanfoneiros estavam feridos de tanto tocar.

CAVALEIRO 3: Eu mesmo já não aguentava mais abrir e fechar o fole da sanfona.

CAVALEIRO 2: Nós estivemos lá na festa e trouxemos uma latinha cheia de doces.

CAVALEIRO 1: Doce de mamão, de goiaba, de cupuaçu, açaí e amora pra vocês...

CAVALEIRO 3: Mas na estrada da Marmelada... *(os três se olham e riem)*

CAVALEIRO 2: Nossos cavalos fizeram uma patacoada...

CAVALEIRO 1: Quando viram uma égua empacada...

CAVALEIRO 3: Meu alazão deu uma topada...

CAVALEIRO 2: Meu cavalo baio deu uma empinada...

CAVALEIRO 1: Meu pangaré deu um tropeção e pá...

CAVALEIRO 3: Que azar!

CAVALEIRO 2: A latinha de doce caiu no chão...

CAVALEIRO 1: Foi o maior “fuá”. Uma baita presepada.

CAVALEIRO 3: E por isso... *(junto com os dois)* Não sobrou nada.

*A música volta para o ritmo do baião. Os cavaleiros cantam, dançam e evoluem em duplas e trios pelo palco, com galopes, volteios, rodopios e giros sincronizados com a música.*

Acende a fogueira  
Do meu coração.  
Hoje tem brincadeira,  
Chama o povo pro terreiro  
Tem festa de São João! *(bis)*  
Ela rezou pra Santo Antônio  
Sonhando com o matrimônio  
E uma casinha pra morar.  
Meu amor de São João,  
Eu te dou essa canção,  
Não tenho patrimônio,  
É tudo que eu posso dar. *(bis)*

*O cavaleiro 1 apita três vezes, na pulsação do baião, em cada apito, todos fazem um gesto em conjunto e, no último apito, todos param num gesto e fixam uma imagem, uma composição cênica final com os cavaleiros. A música e as luzes fecham ao mesmo tempo, com o último apito, no instante em que os cavaleiros fixam a imagem final. Silêncio. Escuridão.*

**FIM**

**Obs.**

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

**Contatos:**

CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

Luiz Carlos Laranjeiras (Luís Carlos Ribeiro dos Santos)  
48 99854 8558 / 11 95218 7346 / 61 99804 3868  
[luizclaranjeiras@gmail.com](mailto:luizclaranjeiras@gmail.com)  
[lcsantosreis@hotmail.com](mailto:lcsantosreis@hotmail.com)

Thiago Arruda “Mairum” Ribeiro dos Santos (filho do autor)  
48 99673 1772 / 48 99125 0134  
[thiagomairum@hotmail.com](mailto:thiagomairum@hotmail.com)  
[thiagomairum@yahoo.com.br](mailto:thiagomairum@yahoo.com.br)